

RECADO DE PARIS

PARIS, fevereiro — Lembrança para meus caros amigos, homens de cultura, que escrevem para os suplementos: este ano, além do centenário da morte de Balzac, temos o 60.º aniversário da morte de Nietzsche, o 200.º aniversário do nascimento de Maupassant.

* * *

Colette, a velha e boa Colette, está na moda. Como quase não pode se mover, sua casa fica sendo um dos centros da vida literária e artística de Paris. É lá que se conspira, cada ano, o Prêmio Goncourt. E "Chéri" faz grande sucesso no teatro e "Gigi" no cinema. Agora vão fazer filmes também de "Chéri" e "L'ingénue libertine".

É a glória, cada vez mais sólida. Mas, em seu livro de lembranças, Colette confessa as pequenas alegrias que perdeu. Por exemplo: andar sozinha pelas ruas de Paris e parar num café qualquer de uma esquina perdida e, ali mesmo, na calçada, comer umas ostras, devagar...

* * *

Foram editadas na França em 1949, 12.526 obras, contra 16.000 em 1948. Um poeta suave, que faz o verso clássico embora não seja contra o livre, ganhou o Prêmio da Cidade de Paris, este ano. É dono de uma pequenina livraria e chama-se Felipe Chabanêix. Magro e muito simples, foram apanhá-lo num taxi para receber o prêmio. Ficou contente:

— Até que entim, vou poder pagar meus impostos atrasados.

* * *

Joseph Kessel, russo de nascimento, francês por naturalização, tenente-aviador na Primeira Guerra, soldado raso e depois reporter na Segunda Guerra, romancista e jornalista, distrai-se, às vezes, num restaurante, comendo copos. Como fazia, aí no Rio, o "boxeur" e sambista Kid Pepe.

Um dia desses Kessel pegou um copo de pé e começou a comê-lo. Um cavalheiro que estava bebendo em outra mesa olhava-o com atenção. Foi triturando o vidro nos dentes e deixou apenas, sobre a mesa, o pé do copo. Então o cavalheiro fez um ar de grande admiração, e disse:

— Não compreendo como o senhor pode fazer isso...

Kessel ia explicar como se pode mastigar vidro, mas o cavalheiro:

— O senhor deixou logo o melhor!

8.3.50

R. B.